

"Num tenho medo de enfrentar a vida": Memórias e Representações de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Recôncavo - (1970 -1990)

Alex de Jesus Oliveira*

RESUMO

O artigo visa investigar a partir das memórias e representações de mulheres trabalhadoras rurais do Recôncavo como elas articularam a sua vida cotidiana de trabalho no roçado ajudando o marido com as suas ações de promover o sustento da família e cuidar das “*coisas do lar*”, dos filhos, assumindo o papel de esposa, filha, mãe, irmã, bem como de trabalhadora, rezadeira e em alguns casos parteira em um desdobramento de vivências “múltiplas” em dimensões variáveis no tempo-espaço no seu cotidiano.

PALVRAS CHAVES: Mulher, Trabalho, Memórias.

INTRODUÇÃO

Quando iniciamos os nossos estudos sobre as experiências dos Trabalhadores Rurais do São José do Itaporã (60 a 80) do século passado logo percebemos a peculiaridade e a importância das mulheres no cotidiano de trabalho no campo, pois foi evidente aos olhos - quando estávamos realizando a pesquisa de campo - a articulação das mesmas em diversas dimensões da sua vida cotidiano no campo.

Esse artigo é resultado de nossa pesquisa andamento no curso de Mestrado em Ciências Sociais, Cultura e Desigualdade UFRB/ CAHL. A mesma não se trata de uma discussão *stritu sensu* de gênero. Buscamos falar sobre as mulheres da Vila do São José do Itaporã - BA, pois observamos a sua importância para a construção tanto da economia quanto da manutenção de aspectos culturais no Recôncavo Sul. Para Paola Chapplin¹:

As trabalhadoras rurais, que produzem sob regime familiar e cuja atividade econômica se completa só no momento da venda da colheita, também enfrentam pressões para articular, em condições condignas, seu cotidiano doméstico e de trabalho. Com efeito, é esta a mais antiga relação de trabalho na qual se combinam, num contínuo profundamente heterogêneo e diversificado, as atividades produtivas e as práticas de educação e de socialização, entre outras.

* Aluno regular do Mestrado em Ciências Sociais, Cultura e Desigualdade UFRB/ CAHL - Esse artigo é resultado das pesquisas ainda em andamento para a elaboração da dissertação.

Neste sentido, como nos ensina Chapplin, à mulher no espaço rural tem que articular uma vida de trabalho no roçado ajudando o marido, além de promover o bem estar da família cuidando do lar, dos filhos e do trabalho no roçado. Ela se desdobra em diversas dimensões do viver buscando possibilitar a construção de uma vida digna para si e para sua família.

Desta forma o nosso trabalho busca refletir sobre as diversas dimensões da vida das mulheres da Vila do São José do Itaporã – BA por que entendemos que a História das mulheres é também a da família, da criança e do trabalho. É a história do seu corpo, da Violência que sofrem e que praticam, dos seus amores e dos sentimentos.

1- "Num tenho medo de enfrentar a vida": *Memórias e Representações de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Recôncavo - (1970 -1990).*

A mulher, ao que parece, sempre exerceu um papel importante na vida campesina do Recôncavo Sul, uma vez que a mesma elaborava no seu dia-a-dia modos de vida que lhe possibilitava a permanência e a sobrevivência no espaço rural. Porém, não é o que demonstram muitos estudos sobre a mulher no campo.

As pesquisas sobre esta temática afirmam que as mulheres desempenharam um papel secundário na zona rural, sendo o seu trabalho demonstrado, nessas pesquisas, como um complemento às atividades dos homens. Apesar disso, o que percebemos nas narrativas dos trabalhadores rurais do São José do Itaporã é que as mulheres foram fundamentais na construção de um cotidiano singular nos espaços de interior da Vila do São José.

Edinélia Maria^{II}, ao analisar a realidade campesina na cidade de Dom Macedo Costa, ressalta a importância da mulher na "construção de maneiras de viver em Dom Macedo". Nesse sentido, podemos afirmar que a mulher teve, e tem, um papel decisivo nas "artes de fazer^{III}" do campo baiano.

O trabalho da mulher na Vila do São José se iniciava logo cedo aos 6 e 7 anos, pois, como a escola era "quasimente um sonho", o trabalho se dava de forma imediata, na medida em que era preciso ajudar a família. D. Angélica nos relata sobre sua vida na roça:

[...]tô criando minha família aqui, vivo aqui, tô com 47 ano. Comecei trabaiaí com o quê? Com 6 ano, 7 ano de idade, meu pai fazia muita safra de fumo, a família foi saindo (casando), ficou eu mais ele e a veia sozim (sozinho). Eu trabaiei muito e trabalho até hoje e da minha roça só saio quando eu morrer, meu trabalho, era mexendo farinha, lavando roupa, cortando fumo, dizoiando fumo, é! Tudo isso.

Além das lembranças de D. Angélica nos trazer evidências do momento em que se iniciava o trabalho da mulher no campo, podemos notar que o depoimento da mesma se dá em várias temporalidades, sua fala externa lembranças que "trazem" o passado numa relação imediata e constante com presente. Os gestos, a tonalidade da voz, tudo isso reflete a "atitude" seletiva da memória em externar apenas o que realmente se quer dizer.

Como foi acentuado por D. Angélica, o trabalho feminino se iniciava logo na infância, aos sete ou seis anos. Ajudando a mãe, mexendo farinha, lavando roupa, trabalhando na lavoura do fumo, as meninas aprendiam o seu ofício diário, porém, o mais interessante é que era dessa precoce iniciação ao trabalho que as meninas concebiam das mães toda uma carga de valores sobre o papel da mulher — questões como “se casar virgem” e “ser fiel ao marido” eram transmitidas constantemente, a fim de que as filhas não viessem "fazer vergonha" às famílias. Também era repassado para essas meninas todo um imaginário mitológico e toda a tradição daquele povo no momento em que estavam trabalhando com os pais.

As mulheres trabalhavam nos roçados tanto quanto trabalhavam os homens, porém, ainda tinham que cuidar dos filhos e das obrigações caseiras, como, fazer comida, arrumar a casa, lavar as roupas, enfim, inúmeras atividades exercidas exclusivamente por elas. A colheita do café era feita quase que exclusivamente pelas mulheres no São José do Itaporã, como nos fala D. Angélica:

A colheita de café, madurecia tudo. Aí quando era para panhar, juntava eu mais minha mãe, minhas irmãs, as rendera dele, nojói: panhava tudo, botava no solo (sol) secava. Aí dispojí (depois) nojói botava no pilão, pisava, limpava, vendia. Outro dia ele dizia: vou vender o café fechado, cozinhava (costurava) um saco, um saco de calhamaço que tinha antigamente, curzia (cozia, costurava), vendia.

D. Angélica rememora um tempo em que, junto com sua mãe, suas irmãs e rendeiras efetuavam a colheita do café, trabalho este quase sempre restrito às mulheres. O relato de D. Angélica é interessante na medida em que afirma a existência de lavouras de café no Recôncavo Sul uma vez que pouco se fala sobre as lavouras do referido grão no Recôncavo. Entretanto, o estudo de Charles D'Almeida^{III} aponta para a existência de lavouras de café em Conceição do Almeida. Dessa forma, podemos concluir que os trabalhadores rurais do São José tinham como meio para sua sobrevivência não só o roçado de fumo e o fabrico da farinha de mandioca, mas também a produção de café, cultura de grande importância econômica para a vida destes trabalhadores.

O trabalho feminino na Vila do São José não estava fixado unicamente ao espaço do

roçado, pois a mulher tinha obrigações domésticas que, desde cedo, eram incentivadas pelos pais — mais especificamente pela mãe — uma vez que, ao "virar moça" deveria estar pronta para casar.

Nesse sentido, as mulheres deveriam saber cozinhar, lavar roupas, ou seja, realizar tarefas entendidas como de responsabilidade feminina. D. Angélica nos fala no seu depoimento que na sua adolescência: "lavava roupa, tomava conta dos meus irmãos, era sim, fazia comida e ia pá roça". Desse modo, é inegável que a mulher da zona rural logo cedo aprendia o que era ser mãe de família.

Após o casamento a vida destas mulheres tendia a agravar-se à medida que os "filhos apareciam" e tinham que trabalhar dobrado em casa e na roça. Muitas vezes, por possuírem pequenas extensões de terra que mal dava para plantar algumas culturas de subsistência — como o aipim, a abóbora, o feijão e o milho — as mulheres tinham que ir trabalhar em roças de médios e pequenos proprietários, tendo, muitas vezes, que levar os filhos recém - nascidos para os roçados, como nos fala D. Angélica:

"Foi difícil, foi muito ruim (semblante de tristeza) foi muito divagar, eu pegava menino no braço, botava numa bacia... botava na roça lá ó, debaixo de um pé de limão, debaixo de um pé de licurí. A formiga mordía, eu panhava moíado(molhado) de suor, que eu dizia assim parece que vai dá uma doença e matar, de suor, que eu tirava de dentro da bacia cheia de pano, de trabicero (travesseiro) que botava lá, pra puder trabaiá! Pra adquirir o quê? Deus mi perdoe!Um dia de domingo, que levava um saco de farinha pra feira, quasiment num trazia nem o leite prá dá as criança".

Por meio da sua narrativa D. Angélica nos fala como era o trabalho na roça. Fica claro, no seu relato, como era árdua a vida da mulher no campo em meio à luta no dia-a-dia na busca de auferir o sustento para a família. A labuta na terra era constante, o cotidiano era de muito suor para as mulheres. Pior que a sua condição de trabalho era ter que levar os filhos para o roçado deixando os mesmos embaixo dos laranjais à mercê das formigas e do calor.

Ao chegar o domingo — dia da feira da Vila do São José do Itaporã — o esposo levava a produção para a feira, e após negociar os produtos, observava que "quasikan num trazia nem o leite pra dá as criança". No entanto, as mulheres não se davam por vencidas e continuavam lutando para sobreviverem no campo, como nos relata ainda D. Angélica: "Tenho coragem de trabaiá, não tenho medo de trabaiá mesmo, porque eu tenho quarenta e sete anos. Não, eu num tenho medo de infrentar a vida".

É preciso ressaltar que a mulher que ao se tornar viúva na zona rural, conseguia criar os filhos através do plantio das suas roças de subsistência e, muitas vezes, com o seu trabalho

"de ganho" nas roças dos médios e pequenos proprietários. Quanto a esta questão a narrativa de D. Angélica é esclarecedora:

Fico viúva, há! Fazia o que? Viver da roça, do ganho pra viver e criar os filhos, criava tudo, oxí. dava escola, quem tinha de aprender, aprendia, quem num(não) tinha, num aprendia, era muito trabalho, e antigamente era pobre, hoje em dia que tá a riqueza no mundo.

A mulher viúva tornava-se uma guerreira, lutava cotidianamente a fim de criar seus filhos. Apesar das inúmeras dificuldades a mulher viúva conseguia vencer, pois em muitos casos recebia com ajuda dos compadres, parentes e amigos. O depoimento de D. Angélica também traz um contraponto no qual ela compara o passado com o presente acentuando que "hoje em dia que tá a riqueza no mundo". Para ela, é no passado que se traduz a pobreza e a vida difícil.

Lutando pela sua sobrevivência no campo, a mulher trabalhadora rural do São José do Itaporã não se rendeu às dificuldades da vida na zona rural, apesar da exploração da sua força de trabalho nas roças pelos pequenos e médios proprietários de terra e das atribuições de cuidar do seu lar, a mesma não se dava por vencida, ao contrário, a mulher se manteve forte, pois, como afirma D. Angélica "num tenho medo de infrentar a vida".

Nos embates no "mundo do trabalho^{IV}" no campo do Recôncavo a mulher construiu redes de sociabilidade na qual a solidariedade sempre esteve presente. Elas construíram para si modos de vida matizados por uma cultura que se manifestava cotidianamente, no falar, no vesti, no trato com o corpo, nas cantorias, na lavoura ou na casa de farinha, nos adjutórios, em fim, em toda prática cotidiana estava presente a mulher reinventando seu viver para sorrir mesmo sofrendo, para vencer a vida mesmo às vezes perdendo.

Não obstante, a mulher do São José do Itaporã nunca desistiu de lutar incessantemente pela sua sobrevivência e da sua família. Para permanecer no sua "terra" elas enfrentaram a vida com toda força, suor e lágrimas para criar seus filhos e não migrar para outros espaços. Elas preferiram - em muitos casos - permanecer nos espaços rurais do Recôncavo Sul apesar das agruras do trabalho duro no roçado e no lar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano do trabalho das mulheres do interior da Vila do São José do Itaporã parece se configurar num certo conformismo que se manifestava como uma resistência a abandonar o

espaço rural e, ao mesmo tempo, numa resistência ao se conformar^V na medida em que dentro das relações de exploração de sua mão –de -obra e do trabalho duro nos seu próprio roçado a mesma construía possibilidades de permanecer e sobreviver no campo, “no seu lugar, na sua terra”.

Vivendo nos campos do recôncavo sul entre as décadas de 60 e 80 as mulheres tiveram um papel importante na construção de modos de vida que possibilitaram as mesmas permanecerem no campo articulando elementos da cultura com uma vida de trabalho que se apresentava em diversas dimensões do seu cotidiano, seja no roçado ou em casa lavando, passando, fazendo comida para a família. A mulher experimentou um viver árduo marcado por diversas dimensões em multiplicidades de tempos que articulados dão forma a um viver peculiar nos campos do Recôncavo Sul.

Na maioria dos casos herdeira de pequenas extensões de terra, muitas vezes tinha que vender sua mão-de-obra aos médios proprietários para alimentar os filhos. Não obstante, desde cedo era preparada pela genitora como uma “guerreira espartana” para exercer as diversas incumbências que teria ao se casar. Solidária com o marido, sua jornada era árdua, porém, diferente do seu companheiro, pois a sua era dupla; cuidado da casa e do roçado.

Por fim, acreditamos que as mulheres do São José do Itaporã – BA entre as décadas de 60 e 80 do século passado elaboraram no seu cotidiano todo um conjunto de estratégias e modos de vida peculiar que lhes permitiram resistir às agruras de uma vida marcada pelo trabalho. A mulher no Recôncavo aparece como uma “guerreira” que luta e não se cansa de “infretar a vida”. Impregnada de valores herdados das gerações passadas, a mulher reelabora costumes e valores no seu viver constantemente marcado pelo trabalho duro no roçado e em casa cuidado dos filhos se apresentado em diversos papéis, a saber; mãe, filha, trabalhadora, solidária com o marido, esposa, viúva, casada, senhorita, em fim mulher que lutou para não deixara sua “terra”.

NOTAS

I - CHAPPLIN, Paola. Trabalhadores: Diversidade – mulheres invisíveis In: *Revista teoria e Debate* – 30/10/1992 / Disponível em: www.google.com.br - Acesso: 10/10/2007.

II - SOUZA, E. M. O. *Memória e Tradições: Viveres de trabalhadores rurais do Município de Dom Macedo Costa-Ba 1950-1960*. Programa de Mestrado Interinstitucional em História Social PUC/SP, 1999.

V - SANTANA, Charles D'Almeida. *Fatura e Ventura Camponesas: Trabalho, Cotidiano e Migrações – Bahia: 1950-1980*. São Paulo: Anablume, 1994.

VII - HOBBSBAWN, E. J. *Mundo do Trabalho*. Trad. Walter Barcellose e Sandra Bedran. RJ: Paz e Terra.

II- CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

III - CERTAU. M. *A Invenção do Cotidiano*. Trad. Epharaim Ferreira Alves, RJ: Vozes, 1994.

IV- DEL PRIORE. Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2001.

Fonte Oral:

Entrevista com D. Angélica Vituriana da Silva. Moradora Na vila do São José do Itaporã na localidade da lagoa Suja - inverno /2000.